

Trabalho de Graduação

Curso de Graduação em Geografia

**MOVIMENTOS TORCEDORES E O CRESCIMENTO DA
EXTREMA-DIREITA: UMA ANÁLISE DO FUTEBOL
UCRANIANO**

Giuseppe Santoro D'Alessio

Prof. Dr. Samuel Frederico
Leandro Luís Lino dos Santos

Rio Claro (SP)

2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

Giuseppe Santoro D'Alessio

MOVIMENTOS TORCEDORES E O CRESCIMENTO DA
EXTREMA-DIREITA: Uma análise do futebol Ucrâniano

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências
Exatas - Câmpus de Rio Claro, da
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, para obtenção do grau de
Licenciatura em Geografia.

Rio Claro - SP

2023

D999m

D'Alessio, Giuseppe Santoro

Movimentos torcedores e o crescimento da extrema-direita: Uma análise do futebol ucraniano / Giuseppe Santoro D'Alessio. -- Rio Claro, 2023

34 p. : fotos, mapas

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro

Orientador: Samuel Frederico

Coorientador: Leandro Luís Lino dos Santos

1. Futebol Torcedores. 2. Nacionalismo. 3. Nazismo. 4. Fascismo. 5. Conflito Ucrânia, 2014-. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Giuseppe Santoro D'Alessio

MOVIMENTOS TORCEDORES E O CRESCIMENTO DA EXTREMA-DIREITA: Uma análise do futebol Ucraniano

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
- Câmpus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho,
para obtenção do grau de Licenciatura em
Geografia.

Comissão Examinadora

Samuel Frederico (orientador)

Leandro Luís Lino dos Santos

Jonathan Ferreira

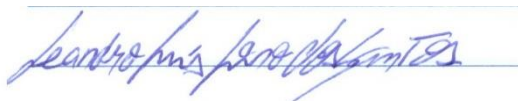
Rio Claro, 13 de dezembro de 2023.

Assinatura do(a) aluno(a)

assinatura dos orientadores



Documento assinado digitalmente
GIUSEPPE SANTORO D'ALESSIO
Data: 13/12/2023 15:40:54-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

RESUMO

O futebol transcende o esporte e se entrelaça com a política e identidade, como exemplificado pelos ultras do *Celik Zenica*, unidos pela paixão pelo clube para além de fronteiras étnicas e religiosas. Ou pelo Batalhão de Azov, ligado às torcidas, que surge na luta ucraniana contra separatistas russos, destacando a fusão do nacionalismo com o esporte. Frequentemente, torcidas se envolvem em causas políticas. Este, um fenômeno de escala global, vem ganhando notoriedade com os acontecimentos ao longo dos anos.

Este trabalho visa compreender a relação entre o futebol e a ascensão da extrema-direita na Ucrânia. Para isto, exploro a influência histórica do nacionalismo, fascismo e do nazismo nos grupos de torcedores de futebol. Este trabalho indica características relevantes no processo de formação dos grupos organizados ao redor do planeta, e os fatores que permeiam este processo, como o papel da mídia, a ideologia e identidade dos grupos, e a função da violência. O estudo contribuirá para a compreensão dos movimentos extremistas no futebol, além de alertar para os perigos desta associação.

Palavras-chave: Nacionalismo, Nazismo, Fascismo, Torcidas Organizadas, Hooligans, Ultras, Ucrânia.

ABSTRACT

Football transcends sport and intertwines with politics and identity, as exemplified by the Celik Zenica ultras, united by their passion for the club across ethnic and religious boundaries. Or the Azov Battalion, linked to the fans, which emerged in the Ukrainian struggle against Russian separatists, highlighting the fusion of nationalism and sport. Fans often get involved in political causes. This phenomenon, on a global scale, has been gaining notoriety over the years.

This paper aims to understand the relationship between football and the rise of the far right in Ukraine. To do this, I explore the historical influence of nationalism, fascism and Nazism on soccer fan groups. This work indicates relevant characteristics in the process of formation of organized groups around the planet, and the factors that permeate this process, such as the role of the media, the ideology and identity of the groups, and the role of violence. The study will contribute to the understanding of extremist movements in soccer, as well as warning of the dangers of this association.

Keywords: Nationalism, Fascism, Nazism, Football Fan Culture, Torcidas, Hooligans, Ultras, Ukraine.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	METODOLOGIA.....	7
3	O FUTEBOL NA SOCIEDADE.....	8
4	FORMAÇÃO DE TORCIDAS ORGANIZADAS (ULTRAS, HOOLIGANS E BARRAS BRAVAS)	10
5	VIOLÊNCIA	14
6	PAPEL DA MÍDIA.....	17
7	IDEOLOGIA E IDENTIDADE.....	18
8	NACIONALISMO, FASCISMO E NAZISMO	20
9	TORCIDAS COMO REFLEXO E INFLUÊNCIA DO ESPAÇO.....	27
10	A QUESTÃO UCRANIANA E O BATALHÃO DE AZOV	28
11	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
12	REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

As torcidas organizadas de futebol são elementos intrínsecos e influentes na cultura esportiva, exercendo impacto direto na esfera pública. No entanto, nem sempre esse impacto é positivo. O presente trabalho de graduação, tem como objetivo explorar a relação entre o futebol e a extrema-direita na Ucrânia, bem como a influência histórica do nacionalismo, fascismo e nazismo nos grupos de torcedores de futebol. Serão expostos diferentes modelos de torcidas encontrados em todo o mundo, com foco no estilo “ultras”. Alicerces como o papel da mídia, a ideologia e identidade, a violência e a formação das torcidas organizadas devem ser analisadas com cuidado, a fim de compreendermos como esses ideais podem ser incorporados nessas comunidades, explorando suas raízes históricas, manifestações contemporâneas e consequências para a sociedade, através do mapeamento de acontecimentos centrais, desde a construção, até o cenário atual.

2 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho é de natureza qualitativa e exploratória. Será realizada uma revisão bibliográfica de fontes acadêmicas e outros materiais relevantes. Autores clássicos da área, servirão de base, como Dunning, Murphy, e Williams, além de figuras brasileiras de extrema importância, como por exemplo Luis Henrique de Toledo e Milton Santos. Figuras e mapas, de fontes secundárias de matérias de veículos de mídia, serão utilizados para um maior suporte acerca dos aspectos do universo torcedor.

O objetivo deste trabalho é evidenciar os eixos ideológicos que permeiam esta cultura, traçando um paralelo entre os crescimentos destas ideologias e os seus impactos, estabelecendo uma comparação entre os movimentos políticos de torcedores brasileiros e ucranianos, uma vez que as manifestações atuais de destes grupos tem sido de enorme relevância e de extrema riqueza para um entendimento do processo político atual em ambos os países, além de promover uma reflexão a respeito deste problema, colaborando para a construção de um ambiente esportivo mais inclusivo e democrático.

3 O FUTEBOL NA SOCIEDADE

Antes de tudo, é preciso entender o papel vital na sociedade, que o futebol carrega. Sua influência abrange dimensões políticas, econômicas e sociais, promovendo interações e união entre pessoas. Expresso no cotidiano, é um espelho dinâmico da sociedade em ação. É uma expressão cultural enraizada no senso comum, como um organizador de sociabilidades, ele cria laços e oportunidades de interação emocional, contribuindo para a formação de grupos, proporcionando uma base valiosa para compreender as dinâmicas sociais em diversos contextos, alimentado por sua ampla participação e audiência internacional. Esse esporte engloba muitos aspectos da sociedade moderna, como seu caráter internacional, influência política, estrutura organizacional, interesses econômicos e questões de racismo e violência urbana (TOLEDO, 2000).

Segundo (DAMO, 2014) o futebol se configura como um fenômeno cultural intrinsecamente ligado a uma série de práticas, rituais e símbolos que permeiam um coletivo de indivíduos. Estas expressões simbólicas e rituais são instrumentalizadas no intuito de edificar e consolidar a identidade coletiva desse grupo, bem como estabelecer distinções com relação a outras agremiações. Adeptos de um clube de futebol partilham um conjunto de valores, crenças e tradições que os demarcam como membros dessa coletividade, utilizando elementos emblemáticos tais como as cores do clube, o hino e o escudo como veículos de expressão e demarcação de sua identidade.

Além disso, o universo futebolístico representa um espaço de constante negociação e construção destas identidades, tanto individuais quanto coletivas. Inúmeros elementos participam deste processo, como os jogadores de futebol, sendo suas atuações em campo frequentemente interpretadas como manifestações de identidade cultural. Por exemplo, um jogador que celebra um gol mediante um gesto específico pode estar, deliberadamente, comunicando sua identidade cultural ou posicionamento político.

As rivalidades entre as torcidas de diferentes clubes podem ser vistas como uma forma de contestação e negociação das identidades em questão. Tais antagonismos podem ter como base distinções de natureza regional, étnica, política

ou religiosa, e podem ser utilizados como meio de reforçar ou questionar as identidades preexistentes.

Elementos que tornam o futebol uma peça-chave para o estudo de diversas questões, tendo a capacidade única de unificar nações e comunidades, transcendendo diferenças culturais e sociais. Ao torcer por equipes, as pessoas encontram um terreno comum para compartilharem um senso de pertencimento.

Essas práticas provocam uma gama diversificada de sentimentos. Desde a satisfação proveniente da convivialidade e de compartilhar momentos com indivíduos como você (SIMMEL, 1950), até a euforia e o êxtase de celebrar um gol ou uma vitória disputada, os entusiastas vivenciam emoções que contrastam com suas vivências cotidianas. A discrepância em relação à vida cotidiana comum contribui para intensificar a ligação com o grupo (DURKHEIM, 1964). Esse fenômeno é ampliado por meio da efervescência coletiva gerada pelas canções, atuações coordenadas e efeitos pirotécnicos. Esse ritual coletivo envolve os indivíduos na coletividade mais ampla, permitindo que o grupo se mova, cante e aplauda como uma única entidade. Isso gera uma sensação de fluxo (CSIKSZENTMIHALYI, 1992; 2008) que extrai os indivíduos de si e proporciona sentimentos de conquista, felicidade e prazer. Essas emoções, aprofundam a sensação de pertencimento, já que são experimentadas como parte do todo. Este, sendo um terreno fértil dos ideais nacionalistas que analisaremos, pode servir de inestimável utilidade como objeto de estudo nesta área.

4 FORMAÇÃO DE TORCIDAS ORGANIZADAS (ULTRAS, HOOLIGANS E BARRAS BRAVAS)

A relação entre futebol e espectadores é ancestral, tendo suas raízes no século XIX. Desde então, a disseminação global do esporte impulsionou o crescimento da audiência, que desempenha papéis tanto como consumidores de jogos quanto como agentes de transformação na estética do espetáculo futebolístico (SANTOS; OLIVEIRA, 2021).

A formação de torcidas organizadas, ultras, hooligans e barras bravas, possui raízes históricas e políticas profundas que se estendem por várias décadas e diferentes partes do mundo. Apesar das semelhanças, existem diferenças significativas entre esses grupos de torcedores, assim como nas abordagens à prática de torcer (HOLLANDA, 2014).

No Brasil, na década de 1940, grupos de jovens de classe média compunham as primeiras coletividades de torcedores, alinhados com a estrutura institucional do futebol da época. As origens das torcidas uniformizadas estão intrinsecamente ligadas a motivações ideológicas influentes daquele período. Essa sensibilidade política, enraizada nas noções de raça, nação, ordem e juventude, ganhou destaque durante um período internacional marcado pela Segunda Guerra Mundial e pelo nazifascismo, além das políticas centralizadoras do governo de Getúlio Vargas no cenário nacional. Essas organizações torcedoras iniciais espelhavam aspirações nacionalistas, contando com o apoio de setores da elite que ocupavam posições-chave nos esportes, na mídia e em partes do aparelho estatal (TOLEDO, 2000).

Na década de 1960, o fenômeno das torcidas organizadas no Brasil surge como um reflexo de mudanças sociais e políticas significativas que marcaram o país durante este período. Estas agremiações torcedoras, originalmente surgidas em um período de efervescência política, ganharam relevância ao formar comunidades de pressão mais efetivas, reivindicando de maneira constante e permanente não apenas a qualidade técnica dos profissionais, mas também a construção e compartilhamento incessantes de representações em torno das formas de jogar (TOLEDO, 2000). Nesse cenário, as torcidas jovens, durante o período denominado de "juvenilização" das torcidas organizadas (HOLLANDA, 2012), passaram de uma postura "carnavalizada"

para uma postura "militarizada", influenciadas pelo contexto da ditadura (MURAD, 1996). Sendo um resultado da interseção entre elementos políticos, sociais e esportivos, refletindo a busca por participação ativa e a reivindicação de representatividade em um período de transformações profundas na sociedade brasileira.

Enquanto isso, no mesmo cenário da década de 1960, surge na Itália uma abordagem organizada distinta em contraste com os hooligans ingleses, conhecida como "ultras" (TESTA; ARMSTRONG, 2010). Esse movimento disseminou-se pela Europa, desenvolvendo suas próprias características distintivas. Frequentemente posicionados nas "curvas" dos estádios, localizadas atrás das metas, os ultras exibem símbolos dos clubes, como bandeiras e faixas, e fazem uso de pirotecnia, incluindo tochas e sinalizadores. Identificam-se com o lema "contra o futebol moderno", resistindo à comercialização esportiva e protestando, notadamente, contra os altos preços dos ingressos (LOPES; HOLLANDA, 2018).

As torcidas ultras também surgiram durante um período de agitação política e social, incluindo revoltas estudantis, greves operárias e diversos cenários de violência provenientes ao contexto político extremista vigente. A própria palavra "ultra" denota uma postura radical de ideias (OLIVEIRA, 2022). Os ultras se veem fortemente ligados aos seus clubes, considerando-os uma extensão de sua localidade, e carregam uma relevante participação no cenário político (DOIDGE, 2015).

Na Itália, após os protestos de maio de 1968, grupos jovens com inclinações políticas diversas começaram a expressar suas visões nos estádios, alinhando-se a clubes que compartilhavam suas ideologias. Ultras com perspectivas de esquerda ou esquerda radical apoiavam times como Livorno, Bolonha, Milan e Vicenza; enquanto ultras com tendências de direita ou ligadas ao nazifascismo estavam ligados às equipes da Lazio, Verona e Inter de Milão (PODALIRI; BALESTRI, 1998; OLIVEIRA, 2022).

O movimento começou de maneira política, com grupos levando bandeiras e cantos políticos dos protestos para dentro dos estádios. Em 1980, houve uma transição para grupos menos ideologicamente políticos, focando mais na violência, inspirada pelo hooliganismo britânico. Na década de 1990, os ultras italianos mantiveram seu apoio aos clubes, enquanto se uniram a rivais para desafiar a

repressão estatal (PODALIRI E BALESTRI, 1998; CONTUCCI E FRANCESIO, 2013; DOIDGE, 2015).

O estilo ultra se espalhou pelo sudeste da Europa, antiga Iugoslávia, sul da França, Grécia e Turquia nos anos 90, impulsionado pela proximidade geográfica e pela exposição televisiva da Serie A italiana¹. As redes sociais e a televisão também disseminaram o movimento nas regiões da Europa do Norte e Oriental, incluindo Alemanha, Áustria, República Tcheca e Polônia. No Cairo, os ultras desempenharam um papel importante na Primavera Árabe, usando sua experiência em confrontos com a polícia no cenário político (TUASTAD, 2014).

É importante distingui-los dos hooligans e dos estilos de torcida da América Latina. Enquanto compartilham semelhanças, eles operam de maneiras distintas. No Brasil e na Argentina, também surgiram grupos organizados de torcedores com caráter militante e político, às vezes associados a atividades ilegais e criminosas (GRABIA, 2011; VIMIEIRO, 2015).

Os ultras foram influenciados tanto por contextos políticos locais quanto globais. Esse movimento emerge em um contexto mais amplo de autonomia juvenil no Ocidente, manifestado na variedade de estilos de vida e interações sociais (BROMBERGER, 1995). Essa dinâmica é moldada pela polarização política na Itália, entre a visão conservadora da Democracia Cristã e os ideais progressistas do Partido Comunista (PODALIRI; BALESTRI, 1998). Adicionalmente, essa tendência é influenciada pelo "processo de difusão cultural" originado pelos hooligans e skinheads na Inglaterra a partir de 1966/1967 (ROVERSI, 1992; COSTA, 2000). Os ultras começaram a transformar os estádios, adotando características introduzidas por grupos ingleses, como a demarcação de áreas das arquibancadas como espaços exclusivos aos grupos organizados, agressividade direcionada a grupos rivais, exaltação da força física e masculinidade associadas à classe trabalhadora dos torcedores, e rejeição de qualquer diferença que ameace a identidade coletiva. Expressam essa coesão interna por meio de coros e cantos incessantes durante os jogos (DUNNING; MURPHY; WILLIAMS, 1990). A singularidade da abordagem italiana (ROVERSI, 1992), no entanto, não se limitava à grandiosidade das

¹ É a alcunha comercial pela qual o Campeonato Italiano de futebol é conhecido.

coreografias ou à variedade de temas abordados nas faixas. Ela abrangia, acima de tudo, a jornada pelos terrenos complexos do extremismo político, onde os jovens torcedores adquiriram o vocabulário do conflito e o exemplo da militância (BROMBERGER, 1995). Isso incluía a forma de associação e os padrões de comportamento, além da "simbologia que correspondia à imagem de determinação que eles queriam projetar" (ROVERSI, 1992).

Desde sua emergência, os ultras se tornaram o estilo mais dominante de fanatismo por futebol no mundo, sendo um importante campo de estudo para entender a sociedade contemporânea. Portanto, daremos relevância a essa forma de torcida. Vale ressaltar que diversos elementos da cultura ultras retratados aqui também se encontram presentes no resto do mundo, em outras variações, como as torcidas organizadas brasileiras.

5 VIOLÊNCIA

A violência sempre foi parte da subcultura dos ultras, embora tenham evoluído de maneira única (ROVERSI, 1991, ROVERSI; BALESTRI 2000; FOOT 2006; STEFANINI 2009, TESTA, 2009; DOIDGE, 2015).

A análise de (BOURDIEU, 1987) ressalta que a violência no esporte está intrinsecamente relacionada à profissionalização, tornando-se mais prevalente com a incessante busca por resultados. (TOLEDO, 2023) corrobora essa visão, acrescentando que essa transição de práticas amadoras para profissionais está conectada ao incremento da agressividade no ambiente esportivo.

No entanto, é fundamental reconhecer que a violência esportiva não se restringe apenas ao âmbito da competição ou a uma sociedade competitiva. Essa manifestação violenta está inerente aos próprios jogos e deve ser interpretada como um componente intrínseco do fenômeno esportivo, está enraizada nas complexas interações entre o esporte e a sociedade na qual está inserida.

(TOLEDO, 2023) também afirma que as pessoas confrontam a angústia perante um mundo que parece desprovido de proteção, optando, de forma voluntária, por se envolverem em situações de risco mortal. Esse medo é particularmente prevalente em sociedades onde o processo de individualização foi proeminente, como nas sociedades ocidentais. Esse engajamento em situações perigosas é uma resposta a um estado de direito frágil, onde os princípios fundamentais de uma ordem legal não estão assegurados. Nesse contexto, a busca por ordem muitas vezes se manifesta por meio da aplicação de violência policial.

(DOIDGE, 2015) também apresenta uma visão condizente, alegando que embora a violência possa estar ligada a uma gama de emoções, a raiva emerge como um sentimento especialmente associado a essa dinâmica. É importante compreender que a associação entre futebol e violência se encontra influenciada pelas normas sociais que regem o controle emocional na sociedade ocidental. A pressuposição subjacente de que a exteriorização descontrolada da raiva é socialmente inaceitável pode ter contribuído para a construção dessa complexa relação entre a esfera esportiva e os atos de violência.

A tentativa de coibir essa violência por meio de punições e repressão, embora resulte em prisões e condenações, muitas vezes não atinge a raiz do problema.

A violência nas arquibancadas não pode ser dissociada das estruturas sociais mais amplas que a alimentam, e a própria sociedade frequentemente exerce violência institucional, como a policial, como forma de controle (TOLEDO, 2023).

(ELIAS E DUNNING, 1992) relataram que o "hooliganismo" no futebol já existia entre torcedores nas décadas de 1870 e 1880, mas sua disseminação pela Europa ocorreu principalmente nos anos 1960 do século XX. O século XX teve períodos de maior e menor violência. Antes da Primeira Guerra Mundial, os estádios frequentemente testemunhavam violência, enquanto entre as guerras essa tendência diminuiu até a década de 1950. A partir dos anos 1960, a violência aumentou, espalhando-se por diversos países europeus (OLIVEIRA, 2022).

Os ultras, por sua vez, desempenham uma função ambivalente nesse cenário. Eles transcendem a esfera política e desenvolvem uma cultura própria, reforçando sua identidade por meio de rituais e símbolos, incluindo a violência controlada. (FLORENZANO, 2010). A comunidade moral construída pelas torcidas oferece aos jovens uma sensação de pertencimento e um papel adulto, ancorado em valores compartilhados (FLORENZANO, 2010).

A perspectiva antropológica destaca a influência política nas torcidas, enfatizando sua "autonomia cultural" diante de tentativas de cooptação por autoridades e partidos extremistas. Para essa visão, a violência das torcidas possui um caráter essencialmente "simbólico e teatral", controlado por rituais que reafirmam a identidade dos membros como parte do grupo ultra (BROMBERGER, 1995 DAL LAGO; DE BIÁSI, 1994).

Essa comunidade, construída com base em um conjunto específico de regras e símbolos, que integram os jovens na chamada "cultura da curva", onde a violência desempenha um papel importante, mas organizado. As torcidas proporcionam uma das poucas formas de socialização que permitem aos jovens assumir um papel adulto com valores, crenças e ações bem definidos.

Todavia, essa cultura de pertencimento e identidade pode evoluir de maneiras complexas. À medida que a violência se fragmenta e perde o controle, o cenário pode se desequilibrar, resultando em comportamentos agressivos e, em alguns casos,

extremistas (ROVERSI, 1990; FLORENZANO, 2010). A ascensão da extrema-direita e do racismo em alguns grupos de torcedores exemplifica essa manifestação (FLORENZANO, 2010; NUHRAT, 2013).

Inicialmente, não houve conexão entre a violência racial, a ideologia do grupo e as mudanças nas torcidas. Nos anos 1980, esses elementos se aproximaram, culminando em problemas crescentes de racismo na sociedade, agravados pela ascensão da extrema-direita. Essa ideologia se espalhou pelos estádios, influenciando as novas gerações de torcedores ultras, atraídas pelo emocionante ambiente dos confrontos e influenciadas pela mitologia do nazifascismo.

A intersecção complexa entre violência, nacionalismo, ideologias extremistas e torcidas organizadas no contexto esportivo constitui um campo de estudo que demanda uma análise cuidadosa e aprofundada. Nesse âmbito, algumas torcidas organizadas são associadas a comportamentos violentos, cujas raízes podem ser rastreadas até fervores nacionalistas exacerbados pelas rivalidades entre times de diferentes localidades ou países.

Nesse cenário, é imperativo compreender o papel desempenhado pela mídia. A cobertura sensacionalista e a amplificação de incidentes violentos podem perpetuar estereótipos prejudiciais, enquanto a criação de narrativas "nós contra eles" pode intensificar a polarização e incentivar atitudes agressivas por parte dos torcedores.

Alavancado pelas ações midiáticas, as torcidas acrescentam um toque de audácia ao espetáculo esportivo - a ameaça de violência, a agressão e a rivalidade. Essa "fascinação e medo", como observado por (NUHRAT, 2013), garante que os ultras sejam tolerados pelos clubes. Argumenta que desejando ter total controle do futebol como espetáculo, os administradores elogiam ou toleram o fervor e a paixão, desde que eles tenham a palavra final em relação a como isso pode ser embalado de uma maneira que possa gerar lucro para o clube. O consumo capitalista do futebol permitirá os aspectos do fanatismo que facilitam o lucro, enquanto criminaliza comportamentos que não o fazem.

6 PAPEL DA MÍDIA

O recurso à violência resultou em os ultras se tornarem um bode expiatório midiático em muitos países (CERE, 2002; MARCHI, 2005; DOIDGE, 2015). Embora a maioria dos grupos não se envolva nesse comportamento, a atenção também se concentrou em casos de racismo e políticas de extrema-direita (TESTA E ARMSTRONG, 2010) (DOIDGE, 2015).

A mídia desempenha um papel crucial na disseminação do futebol profissional, atingindo um público amplo por meio de discursos e tecnologias persuasivas. No entanto, essa relação entre mídia e torcedores é compreendida considerando que o futebol também faz parte da semântica popular e do senso comum. Ao construir um discurso com base nas vozes de profissionais e torcedores, a mídia configura a percepção pública sobre o esporte, utilizando estratégias técnicas e ideológicas (TOLEDO, 2002). Além de frequentemente associar torcidas organizadas à violência e vandalismo, contribuindo para estigmatizá-las. O incremento da violência entre os torcedores na Grã-Bretanha durante a segunda metade do século XX foi impulsionado pela atenção sensacionalista da mídia (DUNNING, 1992).

No entanto, também pode ter um impacto positivo ao valorizar atividades sociais e culturais desses grupos. A complexa relação entre mídia e torcedores envolve vários atores, como cartolas, patrocinadores, cronistas e os próprios torcedores (TOLEDO, 2002).

A cultura dos ultras foi disseminada amplamente por meio da mídia global e das redes sociais. A televisão e a internet permitiram que essa cultura se espalhasse por diferentes regiões do mundo, conectando fãs e promovendo trocas de informações (PODALIRI & BALESTRI, 1998; CONTUCCI & FRANCESIO, 2013; DOIDGE, 2015). No entanto, essa difusão também expôs a violência e o comportamento inadequado dos ultras, levando a maior repressão por parte das autoridades.

Essa generalização dos torcedores, especialmente os organizados, como baderneiros e violentos, tornou a limitar o acesso dessas organizações nas tomadas de decisão dos clubes, resultando em conflitos entre autoridades e ultras, prejudicando o diálogo e o progresso (DOIDGE, 2015).

7 IDEOLOGIA E IDENTIDADE

A ideologia não apenas influencia a formação das identidades, mas também atua como um filtro através do qual interpretamos o mundo e justificamos ações territoriais. Teóricos como Marx, Gramsci e Foucault abordaram a ideologia como uma força que molda as estruturas sociais e, por consequência, as identidades territoriais.

A apropriação do espaço é um aspecto central na delimitação das fronteiras simbólicas e físicas, onde grupos sociais utilizam territórios para afirmar suas identidades e reivindicações ideológicas (SPAALJ E VIÑAS, 2013). Neste cenário, os ultras se destacam ao exibir comportamento coletivo orientado por um senso compartilhado de identidade, ancorado no futebol (ZIESCHE, 2018). A heterogeneidade dos ultras é evidenciada pela coexistência de grupos com perspectivas políticas rivais em apoio ao mesmo clube, como exemplificado pela presença de ultras de esquerda e de direita no Real Zaragoza (DOIDGE, 2015).

A interconexão entre ideologia, identidade e a cultura dos grupos ultras no contexto do futebol desempenha um papel de extrema relevância na construção e expressão das identidades coletivas. Os acontecimentos do futebol são cruciais para a consolidação de um símbolo de identidade nacional, onde a identificação ocorre tanto internamente quanto externamente, em uma dinâmica relacional (MONTES, 1996). Os grupos ultras, sendo entidades heterogêneas com subjetividades únicas, adquirem e expressam sua identidade coletiva através de ações intergrupais orientadas por objetivos individuais ou coletivos (FARR, 2012).

As raízes das atuações dos ultras na Polônia, por exemplo, têm influência de tradições religiosas e de classe social, entrelaçando-se com tendências globais que se opõem ao "futebol moderno" e ao comercialismo, e ao mesmo tempo enfatizando a regulamentação do modo de vida dos ultras como uma questão central (KOSSAKOWSKI, SZLENDAL E ANTONOWICZ, 2016). Esta regulamentação reflete sua ênfase na performance e na imagem rebelde, sustentada por slogans e imagens históricas anticomunistas e nacionalistas, reforçando uma narrativa histórica e política específica (ZIESCHE, 2018). Tais ações não apenas afirmam sua identidade coletiva, mas também oferecem um espaço para engajamento crítico com a sociedade civil e

comercial, permitindo que os ultras compreendam e situem a si mesmos em um contexto social mais amplo.

Os ultras, por vezes, evocam símbolos e terminologia política sem necessariamente constituir ação política instrumental, o que destaca a complexidade da relação entre sua identidade coletiva e a política (SPAAIJ E VIÑAS, 2013). A participação dos ultras em eventos políticos, como a Marcha da Independência na Polônia, demonstra uma conexão entre paixão clubística e sentimentos nacionalistas, sem necessariamente ser hostil aos grupos opostos (DOIDGE, 2015). Além disso, a desintegração da antiga Iugoslávia evidencia como o futebol passa a servir como ferramenta para a reafirmação e recriação das identidades étnicas e nacionais, especialmente em contextos de conflito (DOIDGE, 2015).

A cultura dos grupos ultras no futebol é intrinsecamente ligada à ideologia e à identidade, onde a apropriação do espaço, a expressão simbólica e a interação com a política desempenham papéis fundamentais na formação e manifestação das identidades coletivas.

No entanto, é importante destacar que os ultras não refletem apenas o extremismo ideológico no esporte. A simbologia política, adaptada ao contexto do estádio, ganha novos significados nas rivalidades das torcidas (DE BIÁSI & LANFRANCHI, 1997). Os torcedores deixam de ser meros espectadores e se tornam protagonistas, seguindo a "metáfora da guerra" (DAL LAGO; DE BIÁSI, 1994).

A perspectiva antropológica reconhece a influência política, enfatizando a "autonomia cultural" das ultras, distante das autoridades e partidos extremistas. (BROMBERGER, 1995). A violência é vista como "simbólica e teatral", controlada pelos rituais que reafirmam a identidade do grupo (DAL LAGO; DE BIÁSI, 1994).

8 NACIONALISMO, FASCISMO E NAZISMO

A "via italiana" desempenhou papel principal no cenário das torcidas de futebol, como discutido anteriormente, não apenas por suas elaboradas coreografias e variedade de temas. Sua singularidade está em como os jovens torcedores se envolvem com o extremismo político, adotando linguagem e comportamentos confrontacionais, inspirados na militância. Isso molda sua identidade e a imagem de dureza que desejam projetar. Além do aspecto esportivo, abrange elementos políticos e sociais de maneira distintiva (BROMBERGER, 1995).

Enquanto nem todos os grupos ultras são associados a ideologias extremistas, alguns adotaram símbolos e valores políticos radicais, levando a manifestações de racismo e intolerância.

A própria designação "ultra" denota uma adesão radical a ideias, e na Itália, esse fenômeno ganhou destaque após as manifestações de maio de 1968. Grupos de jovens, tanto de direita quanto de esquerda, começaram a replicar em estádios os comportamentos políticos observados em passeatas, buscando expressar suas ideologias através do esporte.

A mídia esportiva italiana se referia ao pequeno período após a promulgação da Lei Bosman em 15 de dezembro de 1995, como a "invasão dos estrangeiros", devido ao número de jogadores estrangeiros ter aumentado consideravelmente. Enquanto o presidente da Lazio afirmava: "No futebol moderno, as bandeiras não existem mais", os torcedores ultras em resposta exibiam faixas durante os jogos com a mensagem: "Não ao futebol moderno".

As ações dos ultras na Itália não apenas afetaram o cenário esportivo, mas também tiveram implicações políticas mais amplas. Em muitos casos, as manifestações foram direcionadas contra jogadores estrangeiros, revelando tensões étnicas e raciais. Isso se intensificou com diversos episódios como o protesto contra a contratação do jogador holandês Maickel Ferrier, que expôs preconceitos e discriminação racial.

Os estádios de futebol têm sido um dos maiores espaços públicos em que o racismo pode ser expresso abertamente. Esse cenário levou a uma ampla discussão sobre o racismo no futebol nas últimas duas décadas, tanto na mídia quanto entre

formuladores de políticas na comunidade futebolística. Isso resultou no lançamento de diversas campanhas contra o racismo, tanto em organizações de torcedores quanto nas instituições do futebol (BROWN, 1998). Este problema tem sido visto como uma mera extensão de preocupações mais amplas sobre a ordem pública e o comportamento antissocial dos torcedores, como mais um dentre tantos problemas.

A Itália é um país relativamente jovem, tendo sido unificada em 1861. Antes disso, a região consistia em vários estados independentes e territórios com suas próprias culturas e línguas. A identidade nacional italiana é algo que evoluiu ao longo do tempo e ainda está se consolidando. Algumas torcidas podem ver o futebol como uma forma de expressar e afirmar sua identidade nacional. Durante momentos de agitação política, como a ascensão do fascismo na Itália, algumas torcidas foram cooptadas para promover mensagens nacionalistas e ideais do governo. Esse envolvimento político ainda pode influenciar algumas torcidas a adotarem posições nacionalistas. Importante mencionar que grupos ultranacionalistas e extremistas encontram um terreno fértil nas torcidas organizadas. Esses grupos exploraram a paixão e a lealdade dos torcedores para promover suas ações.

Conforme reconhecido por um dos líderes da “Força Nova”, uma organização neofascista estabelecida na segunda metade dos anos noventa, a arquibancada havia se transformado em um espaço para realizarem “nossa atividade política” (FLORENZANO, 2010).

No dia 28 de abril de 1996, torcedores do Verona protestaram contra a possível contratação do jogador holandês Maickel Ferrier. Durante uma partida contra o Chievo, na curva Sul do estádio Bentegodi, eles exibiram um boneco de pano negro com uma corda no pescoço, segurado por dois torcedores encapuzados de branco, similar aos símbolos da Ku Klux Klan. O boneco vestia o uniforme da equipe e tinha a mensagem “*Negro go away*” (Negro vá embora) escrita em inglês. Esse protesto teve sucesso, uma vez que a direção do clube desistiu de contratar Ferrier, que seria o primeiro jogador negro da equipe.

Este episódio destoou do perfil tradicional do espetáculo esportivo por duas razões principais: primeiro, porque contradizia os valores democráticos que os sustentam, baseado no talento e na capacidade técnica, e segundo, porque a vítima fazia parte da mesma equipe dos torcedores que realizaram o protesto.

Esse incidente marcou uma mudança no futebol italiano, onde a lógica das torcidas começou a se misturar com símbolos e valores ideológicos externos, desafiando as regras tradicionais do ritual das torcidas. Esse deslocamento ideológico acompanhou uma mudança mais ampla na sociedade italiana, com a ascensão de movimentos extremistas de direita. Esses dois movimentos se reforçaram mutuamente e compartilhavam a rejeição à diversidade, exemplificado por diversos ataques a imigrantes em Roma.

O deslocamento ideológico entre os grupos de torcedores ultras estava em sintonia com as mudanças nas relações de poder na sociedade italiana. Esses dois movimentos se influenciavam mutuamente e tinham em comum a rejeição à diversidade. Isso era evidente tanto na ação criminosa contra imigrantes pobres ocorrida durante a noite, quanto na perseguição aberta aos jogadores negros durante o dia. Enquanto a elite do futebol explorava o mercado global e acolhia atletas estrangeiros, incluindo africanos, a extrema-direita estava ativamente criando um ambiente hostil para eles nos estádios (PODALIRI & BALESTRI, 1998). A violência simbólica no futebol é usada para associar o corpo negro à condição de inferioridade, refletindo preconceitos arraigados.

Catilina Aubameyang, um jogador do Gabão, foi contratado pelo Milan e emprestado ao Padova para ganhar experiência no futebol italiano. No entanto, ele foi impedido de jogar pela equipe devido à oposição da torcida neofascista da torcida, conhecida como "Gioventù Crociata". Essa facção deixou claro seu preconceito ao publicar a mensagem no site do próprio grupo: "O negro não passará nem agora nem nunca".

A proibição, no entanto, não era uma novidade no futebol italiano e não se limitava apenas aos africanos e seus descendentes. Em 1989, Ronnie Rosenthal, da Seleção de Israel, também foi forçado a deixar o time Udinese devido a pichações nas paredes da cidade que o ameaçavam: "Rosenthal vai para o forno" e "Fora com os hebreus de Friuli". Os ultras da equipe Lazio também direcionaram seu preconceito em uma única manifestação, dirigindo duas mensagens discriminatórias no derby contra a Roma: "Esquadra de negros / Curva de judeus". Os autores dessas mensagens, conhecidos como "Irredutíveis", tinham anteriormente homenageado Zeljko Raznatovic, apelidado de Arkan, ex-líder da torcida do Estrela Vermelha de

Belgrado, que se tornou comandante do Tigres, um grupo paramilitar sérvio acusado de genocídio durante a guerra civil iugoslava. Arkan foi assassinado em 2000 e recebeu um obituário nos jornais de Belgrado escrito por Sinisa Mihajlovic, um jogador sérvio da Lazio.

O presidente, Sérgio Gragnotti, defendeu a instituição, destacando que uma minoria de torcedores estava usando a curva do estádio para promover propaganda política e que o clube estava cansado de pagar multas por conta do comportamento de uma torcida que exibia bandeiras e símbolos racistas e extremistas.

Isso demonstra que a questão do preconceito e da intolerância não era limitada a jogadores africanos e continuava sendo uma preocupação séria nas torcidas de futebol italiana, envolvendo diversas nacionalidades e contextos (FLORENZANO, 2010).

Gragnotti, trouxe para a equipe na temporada seguinte o jovem jogador de Gana, Daniel Ola, de 19 anos, com a intenção de mostrar que a Lazio não era racista.

No entanto, essa imagem atualizada que o presidente da Lazio desejava projetar para o clube, em vez de refletir seu discurso, de fato escondia práticas antigas do colonialismo europeu, que eram caracterizadas por uma violência muito mais ampla e profunda do que a exercida pelos ultras. Este fato que citarei nos serve de plataforma para o entendimento da estrutura racial pré-estabelecida, que alicerça o futebol como um todo, isto nos permite avaliar a questão do racismo de forma integral, e não perpetuar o discurso midiático fomentado por sensacionalismo e generalizações de forma a criminalizar de forma simplista as atividades torcedoras.

Durante a Copa dos Campeões na temporada 2000/2001, a camisa da equipe exibia o patrocínio da Del Monte, uma empresa especializada na produção de frutas, com atuação global, inclusive na África. A Del Monte tinha plantações de abacaxis em uma área de cerca de cinco mil hectares, ao norte de Nairóbi, que produziam trezentas mil toneladas de abacaxis anualmente. Essas frutas eram transformadas em sucos ou conservas e vendidas em supermercados em diferentes partes do mundo.

No entanto, a Del Monte era objeto de atenção dupla: por um lado, ela se beneficiava da visibilidade gerada pela equipe da Lazio, que a mantinha em destaque no cenário esportivo; por outro lado, estava sob escrutínio de várias organizações civis que denunciavam as consequências destrutivas das plantações de abacaxis. Essas

plantações evocavam horrores do imperialismo europeu do passado: seguranças armados e motorizados, guardando fazendas onde a mão-de-obra era superexplorada, onde os trabalhadores recebiam salários inadequados, vivendo em condições precárias, sujeita a abusos e violência, além de ser exposta a pesticidas altamente tóxicos usados em grande quantidade para maximizar a produção.

O controle majoritário da Del Monte pertencia à Cirio, empresa de Sergio Cragnotti.

Segundo Simon Martin, a persistência da extrema-direita nos estádios italianos e a incapacidade de contê-la estão intrinsecamente ligadas à fragilidade e à falta de atuação por parte do Estado italiano. A politização do futebol na Itália pode ser enquadrada nas teorias que surgiram após o período fascista, e a análise de incidentes específicos de atividades pró-regime e antisemitas no ambiente dos estádios emerge como um dos caminhos para compreender a presença contínua da extrema-direita.

É interessante observar que, enquanto na Itália as divisões tradicionais baseadas em política e localismo começam a dissolver, na Polônia a segunda década do século XXI tem sido caracterizada pela crescente importância da política, nacionalismo e identidade regional nas atividades dos ultras (KOSSAKOWSKI, 2018). Algo semelhante ocorreu na Grécia.

Na Polônia, o foco está na regulamentação do estilo de vida dos ultras, em vez do comercialismo, já que este último não ocorreu na mesma medida que em outras nações. O desempenho é crucial para a apresentação do grupo e delimita quem "nós" somos em relação ao "outro" mais fraco. Assim como os ultras de Dresden, muitos grupos de torcedores na Polônia se orgulham de sua imagem rebelde e perigosa. Para fazer isso, os ultras poloneses utilizam vários slogans e imagens históricas, anticomunistas e nacionalistas que reforçam uma narrativa histórica e política específica, enfatizando os ultras como vanguarda de visões impopulares.

A complexa interação entre identidade, nacionalismo e futebol também foi evidente na Polônia, onde a cultura dos ultras refletiu a aversão à ideologia de esquerda após anos de comunismo. Os grupos ultras na Polônia utilizaram símbolos conservadores-patrióticos-religiosos para expressar suas preocupações sociais e políticas, mantendo um foco no nacionalismo, um conceito complexo que gira em

torno da forte identificação e lealdade à própria nação ou grupo étnico, frequentemente acompanhado por um senso de superioridade e orgulho.

Pode se manifestar de várias maneiras, incluindo expressões culturais, políticas e sociais (DOIGE, KOSSAKOWSKI, 2020).

A situação envolvendo o grupo de torcedores ultras do Celik Zenica é especialmente intrigante. Vai além das divisões étnicas e religiosas comuns que geralmente alimentam conflitos nos Bálcãs. A diversidade presente entre os ultras do grupo, que reúne muçulmanos bósnios, católicos croatas, ortodoxos sérvios, albaneses e ciganos, evidencia um notável senso de unidade que vai além das fronteiras tradicionais. Essa coesão se baseia na paixão compartilhada pelo clube de futebol Celik, destacando como o esporte e interesses comuns podem superar barreiras e fomentar a compreensão entre diferentes conjuntos de pessoas.

A passagem e o exemplo dos ultras do Celik Zenica demonstram como o nacionalismo e a identidade podem entrelaçar-se com o mundo esportivo, e como o esporte ocasionalmente pode servir como uma plataforma para desafiar ou transcender narrativas divisoras. Isso também sublinha a natureza complexa do nacionalismo, já que ele pode se manifestar de diferentes maneiras e ser interpretado conforme o contexto e as pessoas envolvidas.

Parece ser característico dos países da Europa Oriental e do Sudeste Europeu que a identidade política, expressa principalmente por meio do nacionalismo, ainda tenha um lugar importante na cultura dos ultras. Cada localização geográfica tem seu próprio contexto social e político específico que afeta se e quando o estilo ultras é adotado (DOIGE, 2018).

No entanto, estas características estão presentes em diversos lugares, este entendimento é extremamente necessário afim de evitar generalizações que delimitem fronteiras geográficas neste processo.

Partidos políticos de tendências de direita e extrema-direita se aproximam de grupos de torcedores, recrutando jovens e usando estádios para disseminar suas ideologias, como exemplificado pela *National Front* (HOLLANDA, 2021). Esses grupos de torcedores muitas vezes demonstram racismo e xenofobia (TOLEDO, 1996).

Nos hooligans ingleses, alguns grupos também estão ligados a partidos nacionalistas, especialmente a partir dos anos 1980 com a entrada de filhos de

imigrantes de ex-colônias britânicas em clubes ingleses. O discurso de culpar os imigrantes pelo desemprego também encontra eco nos hooligans, levando-os a propagar discursos e ações racistas.

Grupos de extrema-direita são prevalentes em Londres, enquanto no norte da Inglaterra, nem todos os grupos estão associados ao extremismo, em parte devido à influência dos sindicatos dos trabalhadores na formação dos clubes (OLIVEIRA, 2022).

9 TORCIDAS COMO REFLEXO E INFLUÊNCIA DO ESPAÇO

É importante ressaltar a variedade das raízes sociais do hooliganismo europeu, um fenômeno transnacional que emerge em diversos países com suas próprias línguas, costumes e crenças. As causas desse fenômeno diferem significativamente: desigualdades regionais e sociais na Inglaterra, influência do sectarismo religioso na Irlanda do Norte e Escócia, agravamento de rivalidades entre grupos devido aos nacionalismos na Espanha, forte antagonismo entre o norte e o sul na Itália, e manifestações de rivalidades entre leste e oeste, bem como divergências políticas na Alemanha (OLIVEIRA, 2022).

No contexto brasileiro, o crescimento das áreas urbanas maiores teve um impacto na participação dos grupos organizados de torcedores, permitindo uma interação política mais abrangente dentro dessas associações ativas. É notável que as torcidas organizadas refletem padrões diversos presentes na sociedade, constituindo uma expressão da vida cotidiana (OLIVEIRA, 2022).

A evolução dos grupos de torcedores e sua participação em eventos políticos, como o movimento "Diretas Já" no Brasil ou protestos contramedidas de austeridade em outras regiões, demonstram mudanças nas motivações e inclinações políticas (OLIVEIRA, 2022, DOIGE, 2018).

O vínculo entre território, ideologia e globalização também desempenha um papel crucial na construção identitária. A relação tradicional entre identidade e espaço é desafiada pela diversidade cultural e migrações, e a teoria do espaço geográfico de Milton Santos destaca como as relações socioculturais se formam no ambiente circundante. No entanto, o pensamento hegemônico muitas vezes perpetua percepções distorcidas sobre grupos marginalizados, resultando em barreiras simbólicas e tangíveis que perpetuam assimetrias e exclusão (OLIVEIRA, 2022).

Esses grupos de torcedores estão ligados a áreas geográficas mais amplas, frequentemente nomeadas após suas cidades ou regiões. Isso pode criar uma espécie de identidade territorial que pode, em alguns casos, se manifestar como comportamentos racistas e xenófobos. No entanto, essa relação não é automática para todos os grupos (DOIGE, 2018).

10 A QUESTÃO UCRANIANA E O BATALHÃO DE AZOV

A Ucrânia, ao longo de sua história, foi submetida a uma série de dominações por diferentes potências, como Polônia, Lituânia, Áustria e Rússia, antes do período soviético. A região ocidental do país desenvolveu uma afinidade com a Europa Central, enquanto a parte oriental se aproximou dos costumes russos (BURKOVSKY, 2015; DESCHANET, 2014). Durante o século XIII, houve predominância política e militar por parte dos russos de Moscou. Entre os séculos XIV e XVII, poloneses e lituanos assumiram o controle após a ocupação mongol. A expansão russa nos séculos XVII e XVIII resultou na colonização da Ucrânia, culminando na integração como uma república da União Soviética no início do século XX (DESHANET, 2014).

Kiev, a capital ucraniana, desempenhou um papel crucial no desenvolvimento da nação eslava russa e na ortodoxia. Tornou-se a terceira cidade mais importante do Império Russo e da União Soviética, ficando atrás apenas de Moscou e São Petersburgo. O período de 1920 e 1930 testemunhou programas de industrialização liderados por Joseph Stalin e Lazar Kaganovich, resultando em pressões severas sobre os agricultores e, conseqüentemente, na Grande Fome. Este episódio fortaleceu ideologias nacionalistas e anticomunistas, contrárias ao modelo de dominação russa (QUIJANO, 2000). Protestos nacionais, como a Revolução do Granito em 1990, marcaram a busca pela independência ucraniana e a orientação em direção à União Europeia. Após uma década de instabilidade política e econômica, o país alcançou um período de estabilidade e crescimento, apoiado pela União Europeia (KATCHANOVSKI, 2008; KUZIO, 2019).

Os protestos de 2004, conhecidos como a Revolução Laranja, levaram à anulação de uma eleição contestada e à ascensão de líderes pró-União Europeia, mantendo laços comerciais com a Rússia (KATCHANOVSKI, 2008; KUCZKOWSKI, 2019; KUZIO, 2006).

O *Svoboda* e o Setor Direito emergiram como partidos de extrema-direita, sendo o primeiro associado ao nazismo e o segundo com ligações ao exército insurgente ucraniano da Segunda Guerra Mundial. Ambos desempenharam papéis significativos na política ucraniana (PORTNOV & PORTNOVA, 2015; SHVEDA, 2015).

Os protestos conhecidos como *Euromaidan*, em 2013-2014, resultaram em uma série de desdobramentos, incluindo o desenvolvimento de grupos de extrema-direita, alimentando um conflito civil-militar no leste da Ucrânia e impulsionando uma narrativa anticomunista em conjunto com interesses ocidentais (PEIRANO, 1992). Um dos movimentos que mais ganhou destaque neste conflito é o chamado Batalhão de Azov, um grupo neonazista que em 2014 combateu a invasão russa da Crimeia na cidade de Mariupol.

Além da nítida separação cultural, bem demarcada pelas línguas presentes na Ucrânia, onde ao lado leste, predominantemente se fala russo, enquanto do lado oposto, se fala ucraniano como principal idioma, assim como representado no mapa 1. Existem dois projetos geopolíticos envolvidos nesta guerra que continua se estendendo: Do lado europeu, mais geoeconômico, com acordos comerciais com a OTAN, e do lado russo, de tentar recompor a zona de influência da antiga União Soviética.

Mapa 1 - Mapa de linguagem no território ucraniano



Fonte: Puc-Rio Digital (2015)

O acesso aos mares quentes, como o Mar Negro, e a Península da Crimeia, que tinha sido cedida à Ucrânia, são obsessões da Rússia. Na Crimeia, encontra-se o porto de Sebastopol, fundamental para o acesso ao Mediterrâneo.

O grupo vem lutando contra separatistas russos na região desde então e tem desempenhado um papel importante na resistência ucraniana. Estes grupos organizados, em sua maioria, seguiram um padrão cada vez mais nacionalista, e grupos de extrema-direita se tornaram influentes nas arquibancadas. Cânticos racistas são exclamados com naturalidade, enquanto símbolos referentes ao nazismo, são vistos nas fardas e símbolos em bandeiras utilizadas pelo batalhão. O então presidente Yanukovich foi forçado a sair, fugindo para a Rússia. Como resposta a queda do presidente, Putin começa a invasão na Ucrânia, com o objetivo de "desnazifica-la", e conquistar a anexação da Crimeia, região de enorme importância em termos de posição geográfica.

O ministro do interior Arsen Avakov permitiu a criação de forças de combate voluntárias de até 12.000 homens (MONTAGUE, 2020). Dando abertura a criação do Batalhão Azov com membros provenientes de torcidas do Dnipro e Dínamo, conforme demonstrado pela figura 1. A união em prol de combater um inimigo externo em comum, uniu diversos grupos ultras, mesmo existindo grande rivalidade entre si, pois agora, se encontravam do mesmo lado na guerra, e carregam com si, o caráter nacionalista ucraniano (MONTAGUE, 2020).

Figura 2 - Membros do Batalhão de Azov, com bandeiras da OTAN, e de suástica nazista



Fonte: Uol (2022).

Incidentes racistas e de extrema-direita no futebol ucraniano, além de manifestações de apoio ao nazismo, refletem o contexto político e ideológico na região. A abertura do governo ucraniano a grupos paramilitares intensificou essa dinâmica polarizada, afetando sobretudo as minorias perseguidas (MONTAGUE, 2020).

Em 2015, em partida válida pela Champions League, o Dínamo de Kiev recebeu o Chelsea para um jogo na capital ucraniana. No decorrer da partida, um grupo de torcedores do Dínamo (principal time do Batalhão de Azov) foi até o outro setor do estádio, e agrediu quatro pessoas negras, que também eram torcedores do time de Kiev.

Na temporada de 2016 e 2017, foram registrados 89 incidentes racistas e de extrema-direita na Rússia, de acordo com a SOVA Center, organização de pesquisas sobre nacionalismo e racismo no país. A partir de então, o país acumulou cerca de 200 outros casos similares, segundo o órgão, fato que já gerou a suspensão de times nos quais as torcidas faziam qualquer tipo de apologia ao racismo.

Durante um jogo entre Shinnik Yaroslavl e Spartak Moscou, realizada em 2018 durante a Copa da Rússia, foi registrado uma grande briga entre torcedores e a polícia. Durante o ocorrido, um integrante da torcida do Shinnik Yaroslavl exibiu uma bandeira com a suástica nazista.

O ato com apologia ao nazismo mais recente de repercussão global foi em Milão, válido por um confronto entre o Dínamo, porém dessa vez o croata de Zagreb, e o Milan da Itália. Durante a caminhada até o estádio, imagens mostram é que possível ver muitos integrantes dos ultras croatas fazendo a saudação nazista pelas ruas da cidade. Segundo o “Gazzetta dello Sport”, 14 fanáticos foram presos por portarem facas e pedaços de madeira.

Em outra direção, o grupo Ultras - *Hoods Hoods Klan - Arsenal Kyiv* – é declaradamente antirracista. Formado em 2006, por *hooligans*, que não possuem um time, já que o Arsenal de Kiev se encontra falido atualmente. Estes torcedores também formaram um batalhão para a guerra, mas são inimigos declarados de praticamente todos os grupos ultras ucranianos, já que majoritariamente são racistas de extrema-direita, porém lutam no mesmo lado na guerra. Em 2014, quando a Rússia começou a ocupar a região da Crimeia e do Donbass, o grupo que estava inativo, retomou as atividades como um grupo armado para entrar na guerra e ajudar na proteção do país, através de uma coalisão antiautoritária, conhecida como “Comitê de Resistencia”, formado por anarquistas e militantes antiautoritários.

Nitidamente ocorre atualmente uma crescente onda de nacionalismo em solo ucraniano. Analisando os acontecimentos passados, é notório que existem forças polarizadas, fruto da 2ª Guerra Mundial, que são até então, centro das discussões políticas na região.

Com a guerra na Ucrânia, se tornou nítido que os posicionamentos de ambos os lados tentam estabelecer através de questões de identidade, uma conexão com o território e a cultura local, e as torcidas são ambientes onde essas questões naturalmente já estão sobrepostas.

É interessante estabelecer um paralelo com os acontecimentos no Brasil, onde também rivais se uniram em prol de um posicionamento político. Integrantes de diferentes torcidas organizadas dos quatro maiores clubes da cidade - Corinthians, Palmeiras, Santos e São Paulo - se uniram na Avenida Paulista, para manifestar em

prol da democracia, oferece um contexto intrigante e complexo no cenário político e social brasileiro. Nesse evento, as vozes dos torcedores ecoaram em uma demonstração clara de seu compromisso com questões democráticas e de cidadania.

Inicialmente, a manifestação foi caracterizada por sua natureza pacífica, marcada por cânticos característicos dos estádios e palavras de ordem contra o governo do presidente Jair Bolsonaro. O envolvimento de diferentes torcidas, demonstra um engajamento significativo em relação a questões políticas que vão além dos aspectos esportivos, enfatizando que a iniciativa transcende as rivalidades clubísticas. Contudo, o evento tomou um rumo inesperado com confrontos entre manifestantes e a Polícia Militar, assim como com apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro. Essa mobilização política de torcedores brasileiros ganhou impulso, e transcendeu as fronteiras paulistas.

No entanto, é crucial ressaltar que, apesar do apoio de alguns dirigentes de torcidas organizadas, não é possível afirmar que tais grupos representem as torcidas na totalidade, uma vez que muitas destas têm evitado se posicionar politicamente, pelo menos oficialmente. A complexidade dessas relações e as implicações políticas que delas decorrem sugerem a necessidade de análises aprofundadas para entender o alcance e a influência desse movimento no cenário político brasileiro.

Figura 3 – Torcedores do Palmeiras e Corinthians no Protesto pela democracia na Avenida Paulista



Fonte: Gazeta Esportiva (2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exame das interações entre nacionalismo, fascismo, nazismo e as torcidas organizadas de futebol revela uma complexa gama de influências e reflexos da sociedade. As manifestações ideológicas presentes nas arquibancadas muitas vezes ecoam dilemas e tensões presentes em nossas comunidades. É crucial reconhecer que essas dinâmicas não se restringem a um único país ou região, mas são observáveis em locais distintos, refletindo as correntes globais de pensamento.

As torcidas organizadas, como microcosmos da sociedade, absorvem e refletem influências de múltiplas fontes, muitas vezes servindo como terreno fértil para a disseminação de ideologias que podem ter consequências prejudiciais.

A violência no contexto do futebol transcende suas manifestações superficiais, estando intrinsecamente ligada a questões sociais mais amplas, tais como desigualdade, exclusão e marginalização. As torcidas organizadas frequentemente abrigam jovens de baixa renda que veem no futebol uma via de expressão e identidade, mas também enfrentam barreiras e preconceitos no seio da sociedade. É imperativo compreender que a violência no futebol é resultado de um entrelaçamento complexo desses fatores.

Essas torcidas, muitas vezes, representam um refúgio para jovens que buscam uma sensação de pertencimento e coesão social, em um contexto em que as oportunidades são escassas e a marginalização é uma realidade. O futebol, portanto, desempenha um papel crucial na construção de identidades e no estabelecimento de conexões emocionais. Contudo, quando essa busca por identidade e expressão se mistura com tensões sociais e rivalidades clubísticas, pode potencialmente resultar em expressões de violência.

Uma abordagem eficaz para combater a violência no futebol deve ir além das medidas punitivas e da criminalização dos torcedores. É essencial compreender as raízes sociais profundas que alimentam essas manifestações de violência. Políticas efetivas devem ser direcionadas à mitigação das desigualdades socioeconômicas, à promoção da inclusão social e ao fornecimento de oportunidades alternativas construtivas para os jovens.

Essa violência atrelada aos processos adjacentes, como a busca por identidade e lealdade pode alimentar a adoção dessas ideologias extremistas, por vezes resultando em episódios de confrontos violentos e atitudes xenófobas, racistas e homofóbicas.

Através do estudo, foi possível observar o crescimento de manifestações atreladas a extrema-direita, e de manifestações racistas e de cunho neonazistas, nas torcidas de futebol em grande parte do mundo. Porém, o que difere a Ucrânia, dos demais países apresentados, é a abertura que o atual governo de Volodymyr Zelensky vem promovendo aos grupos paramilitares. Esses grupos, lutam na linha de frente da guerra, mas também exercem o poder de controle sob a sociedade no dia a dia de forma incisiva e danosa, principalmente às minorias que não se encaixam nos padrões estabelecidos por eles. Para efeito comparativo, no Brasil é possível enxergar um movimento contrário, embora que muitas vezes não declarado oficialmente, as torcidas brasileiras se posicionam contra o racismo, e na maioria, defendem a democracia e o antifascismo.

No entanto, se faz necessário uma leitura aprofundada em cada lugar em questão. Estas ideologias foram globalmente difundidas, portanto, devemos ter cuidado com generalizações para um entendimento destes fenômenos.

Mesmo em sentidos diferentes, a experiência em participar de eventos de massa, como jogos de futebol e protestos facilitam a organização e a mobilização para causas políticas, até em casos extremos como uma guerra. Podemos observar em comum em ambos os grupos, a demonstração de um forte senso de identidade nacional, um alto nível de engajamento político e social, e prontidão para manifestar seus ideais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Reinaldo. **FACEBOOK libera ódio a russos, posts pró-morte de Putin e elogio a neonazis**. Notícias UOL, [S. l.], 11 mar. 2022. Opinião, p. 1. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/reinaldo-azevedo/2022/03/11/facebook-libera-odio-a-russos-posts-pro-morte-de-putin-e-elogia-a-neonazis.htm>. Acesso em: 14 jun. 2023.
- Antonowicz, Dominik, Radosław Kossakowski, and Tomasz Szlendak. (2016). “**Flaming Flares, Football Fanatics and Political Rebellion: Resistant Youth Cultures in Late Capitalism.**” In *Eastern European Youth Cultures in a Global Context*.
- Brown, A. (1998). ‘United we stand: some problems with fan democracy’, in: A. Brown (ed.), **Fanatics! Power, Identity and Fandom in Football**, pp. 50–68. London: Routledge.
- Bourdieu, P. (1997). **Como é possível ser esportivo? Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- Burkovsky, P. & H. Olexiv (2015). **Ukraine after the Euromaidan: challenges and hopes** Petro BURKOVSKY, Olexiy HARAN, Peter Lang, Berna.
- Bromberger, C. (1995). **Le match de football: ethnologie d’une passion partisane à Marseille**, Naples et Turin. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme.
- CASTELO BRANCO, Fellipe; REIGOSA, Juliana. **Rússia: busca de mais influência aguça tensões geopolíticas**. Portal PUC-Rio Digital, aplicativo - Do Portal, p. 1, 1 abr. 2015.
- Csikszentmihalyi, M. (1992). **A psicologia da felicidade**. São Paulo: Saraiva.
- Csikszentmihalyi, M. (2008). **Flow: the psychology of optimal experience**. New York: Harper Perennial Modern Classics,
- Contucci, L., & Francesio, G. (2013). **A Porte Chiuse: gli ultimi giorni del calcio italiano**. Milano: Sperling and Kupfer.
- Dal Lago, A., & De Biasi, R. (1994). *Italian football fans: culture and organization*. In R. Giulianotti et al. (Orgs.), **Football, violence and social identity**. London and New York: Routledge.
- Dam o, A. (2014) **O espetáculo das identidades e alteridades: a luta pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro**.

De Biasi, R., & Lanfranchi, P. (1997). *The importance of difference: football identities in Italy*. In G. Armstrong & R. Giulianotti (Orgs.), ***Entering the field: new perspectives on world football***. Oxford / New York: Berg.

Deschanet, M. (201) **Introduction à l'Histoire de l'Ukraine**

Durkheim, É. (1989). **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Edições Paulinas.

Dunning, E., Murphy, P., & Williams, J. (1990). Il teppismo calcistico in Gran Bretagna: 1880-1989. In A. Roversi (Org.), ***Calcio e violenza in Europa***. Bologna: Il Mulino.

Doidge, M., Kossakowski, R., & Mintert, S. (2020). ***Ultras: The passion and performance of contemporary football fandom***. Editora.

Ehrenberg, A. (1991). ***Le culte de la performance***. Paris: Calmann, Levy.

Elias Cósta de Oliveira (2022). **As interfaces da prática torcedora pelo mundo contemporâneo: hooligans, ultras, torcidas organizadas e barras bravas**.

Elias, N. (1969). Modelos de jogo. In: **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Edições 70.

Elias, N., & Dunning, E. (1992). Ensaio sobre o desporto e violência; O futebol popular na Grã-Bretanha medieval e nos inícios dos tempos modernos; A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel.

Enriquez, E. (1998). O judeu como figura paradigmática do estrangeiro. In C. Koltai (Org.), **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta / Fapesp, 37 - 60.

Florenzano, J. P. (2010). **A babel do futebol: atletas interculturais e torcedores ultras**.

Gilroy, P. (2007). **Entre campos: nações, culturas e o fascínio da raça**. São Paulo: Annablume.

Hollanda, B. (2012). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**

Hollanda, B. (2012). **A torcida brasileira**, Visão de Campo, 7Letras

Hollanda, B. (2021) **Territórios do torcer**: Depoimentos de lideranças das torcidas organizadas de futebol

Kossakowski, R. (2011) **Flaming Flares, Football Fanatics and Political Rebellion: Resistant Youth Cultures in Late Capitalism**

Kuzio, T. (2006) **The Orange Revolution at the Crossroads**

Kuzio, T. (2006) **National Identity and History Writing in Ukraine**; Nationalities Papers

Kuzio, T. (2019) **Three Revolutions: Mobilization and Changes in Contemporary Ukraine I - Theoretical Aspects and Analyses on Religion, Memory, and Identity**

Mehiy, J. C. S. (2001). Para que serve o Futebol? In J. C. S. Mehiy (Org.), **Futebol e Cultura - coletânea de estudos**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.

Mark Doidge & Martin Lieser (2018) **The importance of research on the ultras: introduction, Sport in Society**

Montague, James (2020) **Among the Ultras: A Journey with the World's Most Extreme Fans**

Montes, M. L. A. (1996). Violência, cultura popular e organizações comunitárias. In: G. Velho & M. Alvito (Orgs.), **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV.

Montes, M. L. A. (1998). Raça e identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia. In L. K. M. Schwarcz & R. S. Queiroz (Orgs.), **Raça e Diversidade**. São Paulo: EDUSP.

Montes, M. L. A. (1997). Posfácio. In J. G. Magnani & L. L. Torres (Orgs.), **Na Metrópole, textos de antropologia urbana**. São Paulo: EDUSP/FAPESP.

Murad, M. (1994). **Todo Esse Lance Que Rola – uma história de namoro e futebol**. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Nuhrat, Y. (2013). “**Fans at the Forefront of Occupy Gezi.**” Ballesterer, July 20. Accessed February 26, 2016. <http://ballesterer.at/aktuell/football-fans-at-the-forefront-of-occupy-gezi.html>

Peirano, M. (1992) **Uma Antropologia no Plural**: Editora da UnB, Brasília, 1992

Peralva, A. (1996). **Juvenização da violência e angústia da morte**. Caxambu. XX reunião anual da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), outubro.

Podaliri, C., & Balestri, C. (1998). **The ultras, racism and football culture in Italy**.

Portnov, A. (2015) **Ukraine after the Euromaidan: challenges and hopes** Ukraine after the Euromaidan: challenges and hopes: 59-72, Peter Lang, Berna.

Quijano, A. (2000). **Colonialidad del Poder y Clasificación Social** Journal of World-Systems Research.

Roversi, A. (1990) ‘**Calcio e violenza in Italia**’, in A.Roversi (ed.) Calcio e violenza in Europa, Bologna: Il Mulino.

Santos, João Casquinha Malaia; Oliveira, Elias Csta. (2021). **Sou gaúcho e sou peleador?: barras bravas no Rio Grande do Sul e a hegemonia nas arquibancadas gaúchas.**

Simmel, G. (1950) **The sociology of Georg Simmel**, Free Press, Glencoe, Illinois

Testa, A. (2010) **Football, Fascism and Fandom: The UltraS of Italian Football**

Toledo, L. H. (2000). **Lógicas no Futebol Dimensões Simbólicas de um Esporte Nacional.** São Paulo: Luiz Henrique de Toledo.

Toledo, L. H. de. (1996). **Torcidas organizadas de futebol.** Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs.

Toledo, L. H. de. (2002). **Lógicas no futebol.** São Paulo: Fapesp/ Hucitec.

Tuastad, D. (2014). **“From Football Riot to Revolution. The Political Role of Football in the Arab World.”** Soccer & Society, 15(3), 376–388.

Vimieiro, A.C. (2015). **‘Football supporter cultures in modern-day Brazil: hypercommodification, networked collectivisms and digital productivity’**, unpublished PhD thesis. Brisbane: Queensland University of Technology.

Ziesche, D. (2018). **““The East” strikes back: Ultras Dynamo, hyper-stylization, and regimes of truth’**, Sport in Society, 21(6): 883–901.